

CORALITO: EXPERIÊNCIAS COM O CANTO CORAL INFANTIL NA FACULDADE DE MÚSICA DO ESPÍRITO SANTO

Anna Claudia Perin Vidigal¹

Sandra Bernabé Moreira Berto²

¹FAMES - anna.vidigal@hotmail.com

²FAMES - sandrabberto@hotmail.com

Resumo

Esse trabalho tem como objetivo compartilhar experiências vivenciadas nas aulas de canto coral infantil - Coralito da Faculdade de Música do Espírito Santo, com as crianças dos níveis I, II e III do Curso de Musicalização Infantil. Realizou-se uma pesquisa com caráter fenomenológico e como método de coleta de dados adotou-se a observação participante. O texto apresenta o trabalho realizado com os grupos, destacando alguns aspectos da aprendizagem musical ao mesmo tempo em que ocorre o desenvolvimento humano na perspectiva de Wallon, Vygotsky e Piaget, e um breve relato de atividades e ações adotadas durante os processos de ensino-aprendizagem do canto coletivo infantil.

Palavras-chave: Canto Coral Infantil, Sensibilização Musical, Socialização.

Abstract

This paper aims to share experiences of the children's choir-including children from level I, II and III enrolled in music course for children, at Espírito Santo Conservatory of Music. A phenomenological character survey was conducted and the participants were observed as a data-collect method. The paper presents some aspects not only of music learning but also the stages of human development based on the studies of Wallon, Vygotsky and Piaget. Besides that, a brief summary of activities and methods adopted in the singing classes and the teaching-learning process are presented.

Keywords: Children's Choir, Musical Awareness, Socialization.

Introdução

A instituição de ensino FAMES foi “criada pela lei nº 661 de 12 de novembro de 1952 com a denominação de Instituto de Música do Espírito Santo - IMES” (MARTINS, 2006, p.8). No entanto, só começou funcionar efetivamente em 1954, a então, Escola de Música do Espírito Santo - EMES, com os cursos de piano, violino e canto.

O curso de Musicalização Infantil foi criado no ano de 1985, porém, há registro da “instalação do Curso de Iniciação Musical, destinado às crianças de 5 a 8 anos” (EMES, 1955), sendo regente da cadeira a professora Maria do Carmo de Oliveira Braga, formada pela Escola Nacional de Música, que proferiu a palestra da aula inaugural.

A característica do curso era o “emprego do ensino intuitivo, aliado à atividade, tendo por base a experiência sensorial ligada à motricidade” se opondo ao antigo ensino que “era feito por abstrações” (EMES, 1955). Observamos que suas propostas traziam a influência das experiências musicais de Émile Jacques-Dalcroze, educador musical suíço que elaborou a base de sua pedagogia num momento em que a Europa estava convivendo com grandes transformações sociais (MATEIRO; ILARI, 2012, p.29), buscando um pensamento musical mais democrático, incluindo um maior número de alunos no aprendizado da música e não somente aqueles que se destacavam em suas habilidades musicais. De acordo com pesquisas no arquivo da FAMES, não foram encontrados registros do funcionamento do curso.

Os dados encontrados referentes ao funcionamento efetivo do Curso de Musicalização Infantil (CMI) para crianças, na FAMES, datam a partir de 1986. De acordo com Rosângela Fernandes, primeira coordenadora do curso e alguns documentos da época, “a preocupação primordial do CMI é de desenvolver a potencialidade e criatividade da criança no seu aspecto global, físico, afetivo e sensorial, para que ela possa realizar com alegria a prática musical, vocal e instrumental” (CMI, 1987)¹⁰.

Os alunos participavam em aulas de Iniciação Musical (teoria e percepção) durante todos os níveis. O canto coral e prática instrumental se encontravam divididos em dois grupos. Para as crianças entre 7 a 9 anos, Coralito (canto coral infantil) e Bandinha Rítmica, e, entre 10 a 12 anos, Curumins (canto coral juvenil) e Orquestra Juvenil. As crianças desse segundo grupo escolhiam um instrumento: piano, flauta doce, violão ou violino e estudavam o instrumento em aulas individuais

¹⁰ Parte do texto elaborado pela coordenação do CMI, encontrado no programa do recital das classes do curso distribuído aos pais e demais familiares durante a apresentação dos alunos no ano de 1987.

ou em pequenos grupos. Aos poucos novos instrumentos foram incluídos: clarinete, saxofone, trompete e flauta transversa.

O curso em 2002 passou por reformulações, iniciando um trabalho de educação musical direcionado a crianças com 4 e 5 anos.

Nível	Faixa Etária	Horários: Matutino/Vespertino	Pré-requisito
<i>Lúdico Afetivo</i>	4 e 5 anos	1 hora de aula por semana (Turno só de Manhã)	Mão ou responsável que tenha tempo para acompanhar a criança em aulas.
<i>Musicalização</i>	<i>Nível I</i> 6 anos	4 horas/aula por semana	Percepção Sonora e Rítmica
	<i>Nível II</i> 7 anos	4 horas/aula por semana	Afinação; pulsação; flauta-doco (3 notas: Sol3 e Ré3)
	<i>Nível III</i> 8 anos	5 horas/aula por semana	Afinação; pulsação; percepção; flauta-doco (Tudo a Ré3)
<i>Instrumentalização</i>	<i>Nível I</i> 9 anos	4 horas/aula por semana	Afinação; percepção; pulsação; leitura rítmica e melódica; ler e tocar um instrumento.
	<i>Nível II</i> 10 anos	4 horas/aula por semana	Afinação; percepção; pulsação; leitura rítmica e melódica; ler e tocar um instrumento.
	<i>Nível III</i> 11 anos	4 horas/aula por semana	Afinação; percepção; pulsação; leitura rítmica e melódica; ler e tocar um instrumento.

Fig. 1 - EMES/Coordenação de Educação Musical Infantil. Plano de Curso 2002/2003.

Em 2004, a antiga EMES torna-se Faculdade de Música do Espírito Santo - FAMES. Nesse momento, no curso de Musicalização, a classe destinada aos alunos de 4 e 5 anos fica fora do currículo, passando o curso, a ser, até o final do ano de 2007, dividido em apenas seis níveis, sendo organizado da seguinte forma:

Nível	Disciplinas
I	Iniciação Musical Flauta Doce Cordão/Percussão
II	Iniciação Musical Flauta Doce Cordão/Percussão
III	Iniciação Musical Flauta Doce Cordão/Percussão
IV	Iniciação Musical Instrumento Individual Canto Coral
V	Iniciação Musical Instrumento Individual Canto Coral
VI	Prática de conjunto: instrumentos Variadas

Fig. 2 - FAMES/Curso de Musicalização Infantil/Manual do Aluno, 2008.

Em 2008 “A Musicalização Infantil abriu vagas para seu novo projeto, Caixinha de Música, voltado para crianças de 04 e 05 anos” (Informe FAMES, 2008), estrutura que permanece até os dias atuais. Alguns alunos iniciam na turma Caixinha de Música e prosseguem para os demais níveis, curso de oito anos. Outros iniciam no nível I, curso de seis anos.

Neste ano, 2016, o curso de Musicalização Infantil completa 30 anos. As crianças ingressam no curso, que tem duração de seis ou oito anos, por meio de sorteio realizado a cada início de ano letivo. Para concorrerem às vagas, elas devem estar matriculadas no 2º ou 3º ano do Ensino Fundamental na escola regular para ingressarem no nível I. E cinco anos completos para a Caixinha de Música.

Musicalização Infantil – Níveis I, II e III

Durante os níveis I, II e III as crianças participam de três aulas semanais. As aulas de Sensibilização Musical possibilitam aos alunos vivenciarem os aspectos do som: altura, duração, intensidade e timbre de maneira prática e lúdica. Tais experiências, além de favorecerem a compreensão desses conteúdos, se constituem uma base para a educação musical ao longo de sua formação. Nas aulas de Flauta Doce, os alunos têm a oportunidade de terem contato com o instrumento, cujo

programa aborda a técnica e canções com o intuito de oferecer meios para que as crianças toquem um repertório interessante e adequado à sua idade. Para essas duas disciplinas as aulas são realizadas em salas com uma média de 15 alunos.

As aulas de canto coral, tema deste trabalho, oferecem às crianças suas primeiras experiências com o canto em grupo. Encerramos o ano de 2015 com um coro de 161 alunos, sendo 70 crianças matriculadas no turno matutino e 91 crianças no turno vespertino. Para atender adequadamente, o espaço utilizado é a Sala de Concertos Alceu Camargo, cujo auditório conta com 100 cadeiras e um palco para as vivências e apresentações musicais.

Nossa experiência com esta disciplina desde 2007, atuando como regente, preparadora vocal e pianista acompanhadora, possibilitou a implementação de algumas práticas com o referido grupo, assunto que será apresentado no decorrer deste trabalho.

Conhecendo o processo de ensino-aprendizagem

O ingresso para o CMI se faz por meio de sorteio, contemplando crianças de grupos socioculturais diversos, alunos da rede pública e privada. Eleger-se essa forma de ingresso por entender ser mais justo, e constatou-se que, no cotidiano, as diferenças socioculturais não influenciam, pois as crianças, independente de classe social, estão prontas para o início dos estudos musicais e, em outra vertente, gera os processos de inclusão e integração social. "As oportunidades de participação em todo e qualquer tipo de manifestação artística e cultural devem constituir-se em um direito irrefutável do homem, independente de suas origens, raça ou classe social" (FUCCI AMATO, 2007, p.79).

Nessa prática os processos de socialização são constantes e contínuos. Posso fazer música sozinho, mas referindo-se ao canto em conjunto é fundamental o outro, sendo indispensável exercitar constantemente a cooperação para a realização dos resultados musicais, como por exemplo: um canto expressivo onde explora-se a dinâmica ou durante a execução de movimentos corporais; e, ao mesmo tempo, desenvolve-se a autonomia individual de cada aluno possibilitando a aquisição de novas competências.

Partindo dessa reflexão, as crianças iniciam os estudos por volta dos sete anos - Nível I, permanecendo com o grupo durante três anos, seguindo para os níveis,

II e III do CMI. Esta pesquisa pretende apresentar o trabalho realizado com o grupo, destacando alguns aspectos da aprendizagem musical, ao mesmo tempo em que ocorre o desenvolvimento humano na perspectiva de Wallon¹¹, Vygotsky e Piaget em suas teorias psicogenéticas.

Wallon (1879-1962) dedicou seus estudos ao desenvolvimento da criança, verificando que as aprendizagens se dariam por meio de sua inserção sociocultural. Apresenta a construção do conhecimento como um fator psíquico e biológico do indivíduo em uma ação recíproca, ativada por quatro campos que denominou de funcionais: 1) afetividade, como a primeira forma de interação; 2) movimento, fundamental na estruturação do pensamento; 3) inteligência, raciocínio simbólico e linguagem; 4) pessoa, consciência e identidade. "É contrário a natureza tratar a criança fragmentariamente. Em cada idade, ela é um todo indissociável e original. Na sucessão de suas idades, é um só e mesmo ser sujeito a metamorfoses" (WALLON, 2007, p.198).

Para Wallon é no estágio "categorial", entre 6 e 11 anos, fase que estão os alunos, que iniciam a autodisciplina. "É por volta dos 6 anos que aparece a capacidade de resistir à distração" (WALLON, 2007, XXXV), sendo "possível retirar a criança de suas ocupações espontâneas para fazê-la dedicar-se a outras" (WALLON, 2007, p.71), um aspecto essencial, "dedicar-se" a uma ação. A criança está envolvida em um processo de socialização com a finalidade de fazer música.

Nesse estágio "a criança passa a pensar conceitualmente, avançando para o pensamento abstrato e raciocínio simbólico, favorecendo funções como a memória voluntária, a atenção e o raciocínio associativo" (GRANDINO, 2010, p.35). Assim ocorre nas aulas, uma construção de saberes, envolvendo experiências práticas com a produção sonora, incorporando novos conceitos e habilidades, ressignificando e ampliando condições anteriores. A criança, com o outro, vivencia novas descobertas corporais e vocais, ampliando a sua compreensão sensorial, pois é perceptível e fundamental a participação dos órgãos dos sentidos em ação no ato de cantar e interpretar, desenvolvendo a comunicação e a inteligência cognitiva.

11 Henri Wallon (1879-1962), educador que propôs mudanças no sistema educacional francês, apresentando o desenvolvimento infantil em estágios. Estágio 1. Impulsivo/emocional de 3 meses a 1 ano; Estágio 2. Sensorio-motor/projetivo de 1 ano a 18 meses (3 anos); Estágio 3. Personalismo de 3 a 6 anos; Estágio 4. Categorial de 6 a 11 anos; Estágio 5. Adolescência a partir de 11 anos. Leví Semionovitch Vygotsky (1896-1934), bielorrusso, pensou o ensino como um processo dependente das relações sociais e Jean Piaget (1896-1980), cientista suíço, por meio da observação, constatou que a construção do conhecimento ocorre a partir da interação da criança com o meio.

Wallon (2007) aponta que é “[...] inevitável que as influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço tenham sobre sua evolução mental uma ação determinante” (WALLON, 2007, p.122). Observa-se que a afetividade, um dos temas centrais em seus estudos, se faz presente no decorrer das aulas, estabelecendo ligações com os demais ambientes que a criança convive, ou com momentos que foram vivenciados anteriormente e armazenados em sua memória. Durante o estudo da música, a criança expressa suas emoções e evoca cenas do seu cotidiano ao ouvir e vivenciar novos ritmos e melodias. Nesse encontro dinâmico, passa a controlar suas emoções e, ao mesmo tempo, entra em contato com novas percepções e sensações, modificando a pessoa, surgindo gradativamente um novo eu.

Vygotsky (1896-1934) estudou o desenvolvimento da aprendizagem na infância, procurando “identificar as mudanças qualitativas do comportamento que ocorrem ao longo do desenvolvimento humano e sua relação com o contexto social” (REGO, 2007, p.25). Para ele, o ser humano é resultado de um “processo em desenvolvimento profundamente enraizado entre história individual e social” (REGO, 2007, p.26). Concordando com o pensamento de Rego (2007), Davis e Oliveira, defendem a ideia de que a interação social “com adultos e colegas mais velhos desempenha um papel importante na formação e organização do pensamento” (DAVIS; OLIVEIRA, 1994, p. 49), sendo o ambiente, em contínua interação, um desencadeador de novas aprendizagens e desenvolvimento da linguagem.

No decorrer das aulas esses aspectos são perceptíveis, ocorrendo, constantemente, as relações e as trocas de experiências entre adultos e crianças e entre as crianças. Os alunos cantam em conjunto com a direção de um professor/regente e músicos instrumentistas, com a finalidade de direcionar o estudo musical e os diálogos reflexivos. Outro ponto a destacar é que, a cada ano, ingressa um grupo novo e “os veteranos” auxiliam os novatos. Deste modo, esse espaço, dinâmico e cíclico, torna-se gerador de novas aprendizagens e experiências mediadas pela linguagem musical. As crianças, aos poucos, vão ampliando sua capacidade de aprender, compreendendo novos conceitos referentes aos conteúdos musicais, e tendo seu pensamento “despertado pela vida social e pela constante comunicação que se estabelece entre crianças e adultos” (DAVIS; OLIVEIRA, 1994, p.52).

Assim como Wallon e Vygotsky, Piaget (1896-1980) realizou estudos sobre o desenvolvimento infantil, concluindo que, ao longo de períodos, as crianças apresentam “estruturas cognitivas e qualitativas diferentes” (GOULART, 1983, p. 21) e, a cada período, definiu e denominou esses processos em etapas.

Na fase Operatório-concreta (7 a 11 ou 12 anos), a criança convive com o mundo intensamente, desenvolve sua capacidade lógica, amplia suas imagens mentais, formando constantemente novos conceitos e habilidades.

Segundo Piaget, é nesse estágio que a personalidade passa a se evidenciar e o diálogo ocorre com mais frequência, fazendo-se presente nos ambientes onde as crianças estão inseridas. Deixa de lado o individualismo e passa a construir o pensamento baseado mais no "raciocínio do que na percepção" (DAVIS; OLIVEIRA, 1994, p.44). É necessário lembrar que "o pensamento operatório é denominado concreto porque a criança só consegue pensar corretamente nesta etapa se os exemplos ou materiais que ela utiliza para apoiar seu pensamento existem mesmo e podem ser observados" (DAVIS; OLIVEIRA, 1994, p.44).

Esse aspecto é notado, principalmente, quando novas canções são apresentadas ao grupo. Os textos poéticos das canções apresentam muitas palavras desconhecidas. Basta as crianças ouvirem uma vez e logo questionam, buscando compreender seu significado, tentando solucionar o problema. Geralmente, vídeos, figuras e objetos são incluídos para ajudar a compreensão do grupo, ou é por meio do diálogo, levando a conclusões interessantes.

Observa-se que nessa fase "o real e o fantástico não mais se misturam em sua percepção" (DAVIS; OLIVEIRA, 1994, p.43). No entanto, as crianças ainda continuam se encantando com as histórias dos contos de fada, de fantasmas, de amor, da natureza, amam ouvi-las. Os temas das histórias ampliam suas possibilidades musicais, verbais e culturais.

É muito importante que o professor/regente entenda o que é música, e que esta não ocorre "separada do resto da vida" (SWANWICK, 2003, p.22), assim como todos os processos de aprendizagem onde as crianças estão inseridas. De fato "podemos ver que a música não somente possui um papel na reprodução cultural e afirmação social, mas também potencial para promover o desenvolvimento individual, a renovação cultural, a evolução social, a mudança" (SWANWICK, 2003, p.40).

Durante a aprendizagem Wallon, Piaget e Vygotsky destacam a necessidade da interação entre o sujeito e o mundo e que estes processos ocorrem em estágios ou fases durante o desenvolvimento infantil. São divergentes em alguns aspectos de suas pesquisas, mas suas ideias instigam os educadores, promovendo uma postura reflexiva sobre as práticas desenvolvidas com os alunos.

As aulas de canto coral

A didática e a metodologia direcionadas à infância, assim como, a adoção de um planejamento sistemático estabelecem uma rotina de atividades que facilitam o aprendizado e a organização do grupo. Para tanto, a aula foi dividida em três momentos.

O primeiro, voltado ao aquecimento corporal e controle respiratório. É essencial que as crianças tomem consciência de seu próprio corpo, suas facilidades e aprendam a conviver e, ao mesmo tempo, superar suas dificuldades. Todo corpo está envolvido no ato de cantar. Os objetivos desses exercícios são aquisição do conhecimento e desenvolvimento corporal. Essas atividades são acompanhadas pelo piano, com melodias que relaxam, acrescentam ritmo e expressividade aos movimentos, pois o desenvolvimento musical é “[...] um caminho de conhecimento, de pensamento, de sentimento” (SWANWICK, 2003, p.23).

O livro “Divertimento de Corpo e Voz” (CHAN, 2001), tomou-se um importante material, utilizado nas aulas de canto coral. Dividido em duas partes, a primeira dedicada ao corpo, com 20 exercícios, integrando: postura, estímulos, atenção, coordenação, concentração, alongamentos, por meio do movimento corporal, pois “quanto mais e melhor você preparar o corpo, mais rápido será o processo de aprendizagem e melhor a produção vocal (CHAN, 2001, p.9). A segunda, com 23 exercícios para a produção vocal, destacando os aspectos: consciência vocal, vogais e consoantes, articulação, ressonância e criatividade.

No segundo momento são trabalhados os exercícios que integram a respiração e o aquecimento vocal. Para Fucci Amato (2007, p.84) “a educação vocal se realiza, basicamente, em três níveis: controle de fluxo aéreo (exercícios respiratórios), vocalizações (exercícios específicos com vogais) e a técnica vocal propriamente dita – canto (impostação e articulação)”.

É importante que as crianças recebam informações de como funcionam os processos de produção sonora, o percurso que o ar passa e os órgãos que estão envolvidos. Os alunos são orientados a não utilizarem a respiração clavicular ou superior, elevando os ombros, prática constante encontrada entre os alunos que ainda estão no início das atividades com o canto coral, sendo necessário a compreensão da respiração costo-diafragmático-abdominal¹². Nesses momentos, para melhor

¹² Costo-diafragmático-abdominal, abertura das costelas e abaixamento do diafragma. Padrão ideal para comunicação vocal, esse permite maior controle sobre a saída de ar durante as diversas demandas vocais. Grande aproveitamento pulmonar com expansão harmônica da caixa torácica.

compreensão, associamos a respiração a movimentos com os braços e mãos, assim, a atenção dos alunos se direciona ao gesto e a respiração acontece de forma natural não preocupando-se exclusivamente como ato de respirar.

Alguns exercícios envolvem o ato de inspirar, reter e soltar o ar. Outros, de expelir o ar com consoantes fricativas: CH, F, X, Z, e ainda com vibrações de lábios e língua; este, além de auxiliar a consciência respiratória, favorece a limpeza, liberando o muco acumulado na laringe, aquecendo a voz.

Com a finalidade de preparar a voz para o canto e ainda compreender que esse hábito é fundamental na formação de cantores conscientes, foram elaborados e aplicados exercícios vocais durante as aulas, cujos objetivos são: desenvolver a afinação, a dicção, a articulação, a impostação vocal.

Para beneficiar a afinação, são trabalhadas variações intervalares e movimentos sonoros variados, ascendentes e descendentes. Quanto à dicção e articulação, as parlendas e os textos rítmicos com rima, enriquecem esse trabalho, pois vão além do trabalho articulatório, adicionando alegria, tornando os exercícios prazerosos e imersos no universo infantil. A seguir, um exemplo, utilizando o arpejo, com o texto da parlenda "BANANINHA, PINTADINHA".



Fig. 3 - Exercício vocal elaborado pelas professoras para o grupo.

Outro exemplo, com a palavra bom. Traz o som para frente, auxiliando a compreensão da ressonância do som vocal.



Fig. 4 - Exercício vocal elaborado pelas professoras para o grupo.

Ao escolher ou elaborar um exercício, são considerados alguns critérios: as fases de desenvolvimento das crianças do grupo, a tessitura, na oitava do Dó3,

podendo chegar ao Lá2 e Mi4 e se os textos são sugestivos.

Outro aspecto trabalhado é a expressividade, presente em todos os momentos da aula, pois de acordo com Swanwick, "expressão musical não é colocada depois, como uma reflexão posterior" (SWANWICK, 2003, p.62), deve ocorrer durante todos os momentos da aula, inclusive no aquecimento vocal.

O tempo dedicado aos exercícios não pode ser muito longo para não cansar. É melhor investir na qualidade do que na quantidade. As atividades citadas duram aproximadamente 20 minutos, o que gera interesse e não causa cansaço nas crianças.

No decorrer desses anos, constatou-se que, ao cantar, a criança reflete suas emoções e sentimentos, compartilhando com o outro o que o repertório representou para si. Sendo assim, esse é o terceiro momento das aulas, dedicado à apreciação e aprendizagem de novas canções, ou revisão e amadurecimento do repertório selecionado para o período.

A escolha do repertório é um aspecto muito importante, requer responsabilidade e deve ter como alvo o público infantil. Discutir sobre as letras das canções ou sobre os desenhos melódicos e padrões rítmicos são essenciais nesse aprendizado entre os pares. Oportunidade única que o regente precisa estar atento para não desperdiçá-la, trazendo sempre "a consciência musical do último para o primeiro plano" (SWANWICK, 2003, p.57).

Assim, durante as aulas são colocados em prática os materiais sonoros por meio de vivências, empregando caráter expressivo. "A criança parte do sentir, do perceber, para o refletir, o questionar, até chegar a entender o sentido do texto musical. Os conceitos devem ser compreendidos e assimilados a partir da própria vivência" (CHEVITARESE, 1996, p.3).

O movimento corporal e os gestos sonoros enriquecem o trabalho. "A criança interessa-se com alegria por todos os movimentos nos quais pode participar com seu corpo. Excitemos esse interesse e façamo-lo servir aos nossos propósitos de educação infantil". (DALCROZE apud MIGNONE, 1961, p.23).

Toda aula de canto coral é um momento de aprendizagem e de comunicação entre os participantes. O regente precisa ter amplo domínio do repertório, desenvolver a comunicação por meio dos gestos das mãos e da face, acrescentar musicalidade aos exercícios e às canções, estabelecendo um elo de liderança com o grupo.

O gesto é construtor e criador. Sua tarefa é a mesma das mãos do

instrumentista: descongela a partitura, traduz sonoridades e revela a música concebida pelo compositor, intermediada pela interpretação do regente. Sendo assim, o gesto tem o poder de transmutação, ao transformar o grupo instrumental ou coral em mensageiro da Arte (FONTERRADA, 1997, p.18).

Ao pianista acompanhador cabe ter conhecimento do instrumento que executa, saber ouvir a si próprio e ao coro respectivamente, dispensar atenção durante todo o tempo de ensaio, dedicar-se no preparo das peças do repertório, realizar improvisos, quando necessário, colaborando e enriquecendo o trabalho.

As apresentações musicais

Ao final de cada ano as crianças têm a oportunidade de se apresentarem, normalmente, com um musical. Vários foram os temas organizados e desenvolvidos pelas autoras deste trabalho, entre eles; “Casa de Brinquedos” de Toquinho; as histórias do “Sítio do Picapau Amarelo” de Monteiro Lobato; “Era uma Vez...” baseado nas histórias dos clássicos infantis; a divertida história de Ana Maria Machado, “A Velhinha Maluquete”; o tema “Músicas, Poemas e Histórias”, uma seleção de músicas e poemas de diversos compositores e escritores, que foram elaborados para o público infantil; e o tema “Como é bom aprender e se divertir com a natureza”, uma coletânea de canções que trouxe para as aulas a natureza em sua forma delicada.

Nem sempre o material disponível está pronto para ser trabalhado, na maioria das vezes, o envolvimento, a criatividade pessoal e de todo o grupo são fundamentais na elaboração de roteiros, repertórios, arranjos, etc., para alcançar o resultado desejado.

A interação com o outro, vivenciando o cantar em conjunto em busca de um bom desempenho musical; o exercício da comunicação e da dramatização vocal e corporal através dessa linguagem; a interpretação de repertório variado, com diversidade de estilos específicos para coro infantil, tem sido os nossos objetivos nesses últimos anos. Os resultados mostram que essas experiências têm gerado o prazer e o envolvimento, enriquecido a vida musical e proporcionando um grande aprendizado a todos que estão envolvidos no processo.

Referências

CHAN, Thelma; CRUZ Thelmo. *Divertimentos de corpo e voz*. São Paulo: VIA CULTURA, 2001.

CHEVITARESE, Maria José. *A Questão da Afinação no Coro Infantil Discutida a Partir do "Guia Prático" de Villa Lobos e das "20 Rondas Infantil" de Edino Krieger*. Dissertação (Mestrado em Música Brasileira) – Programa de Pós-Graduação, UNIRIO, Rio de Janeiro, 1996.

DAVIS, Cláudia; OLIVEIRA, Zilma de Moraes R. *Psicologia na educação*. São Paulo: Cortez Editora, 1994.

EMES. *Livro de Atas*, 1955, sem paginação.

EMES. *Plano de Curso*. Coordenação de Educação Musical Infantil. 2003/2004.

EMES. *Programa dos recitais das classes do Curso de Musicalização Infantil (CMI)*, 1987.

FAMES. *Boletim Informativo de Circulação Interna da Faculdade de Música do Espírito Santo – Ano II, Edição 02, julho de 2008*.

FAMES. *Curso de Musicalização Infantil/Manual do Aluno*, 2008.

FONTEPRADA, Marisa. A preparação do regente. In: *Canto, canção, cantoria: como montar um coral infantil*. São Paulo: SESC, 1997.

FUCCI AMATO, Rita. O canto coral como prática sócio-cultural e educativo-musical. *Opus, Goiânia*, v. 13, n. 1, p. 75-96, jun.2007.

GOULART, Iris Barbosa. PIAGET. *Experiências Básicas para Utilização pelo Professor*. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda. 1983.

GRANDINO, Patrícia Junqueira. *Wallon e a psicogênese da pessoa na educação brasileira*. Coleção Educadores. MEC. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010, p. 31-40.

MARTINS, Célia Regina Nava. *Escola de Música do Espírito Santo: 50 Anos de História*. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade Batista de Vitória – FABAVI, Vitória, ES, 2006.

MATEIRO, T.; ILARI, B. (Org.). *Pedagogias em educação musical*. Curitiba:

Intersaberes, 2012. (Série Educação Musical).

MIGNONE, Liddy Chiaffarelli. *Guia Para o Professor de Recreação e Iniciação Musical*. São Paulo: Ricordi Brasileira S.A, 1961.

REGO, Teresa Cristina. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SWANWICK, Keith. *Ensinando música musicalmente*. Tradução de Aida de Oliveira e Cristina Tourinho. Rio de Janeiro: Editora Moderna, 2003.

WALLON, Henri. *A evolução psicológica da criança*; com introdução de Émile Jailey; tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2007.